

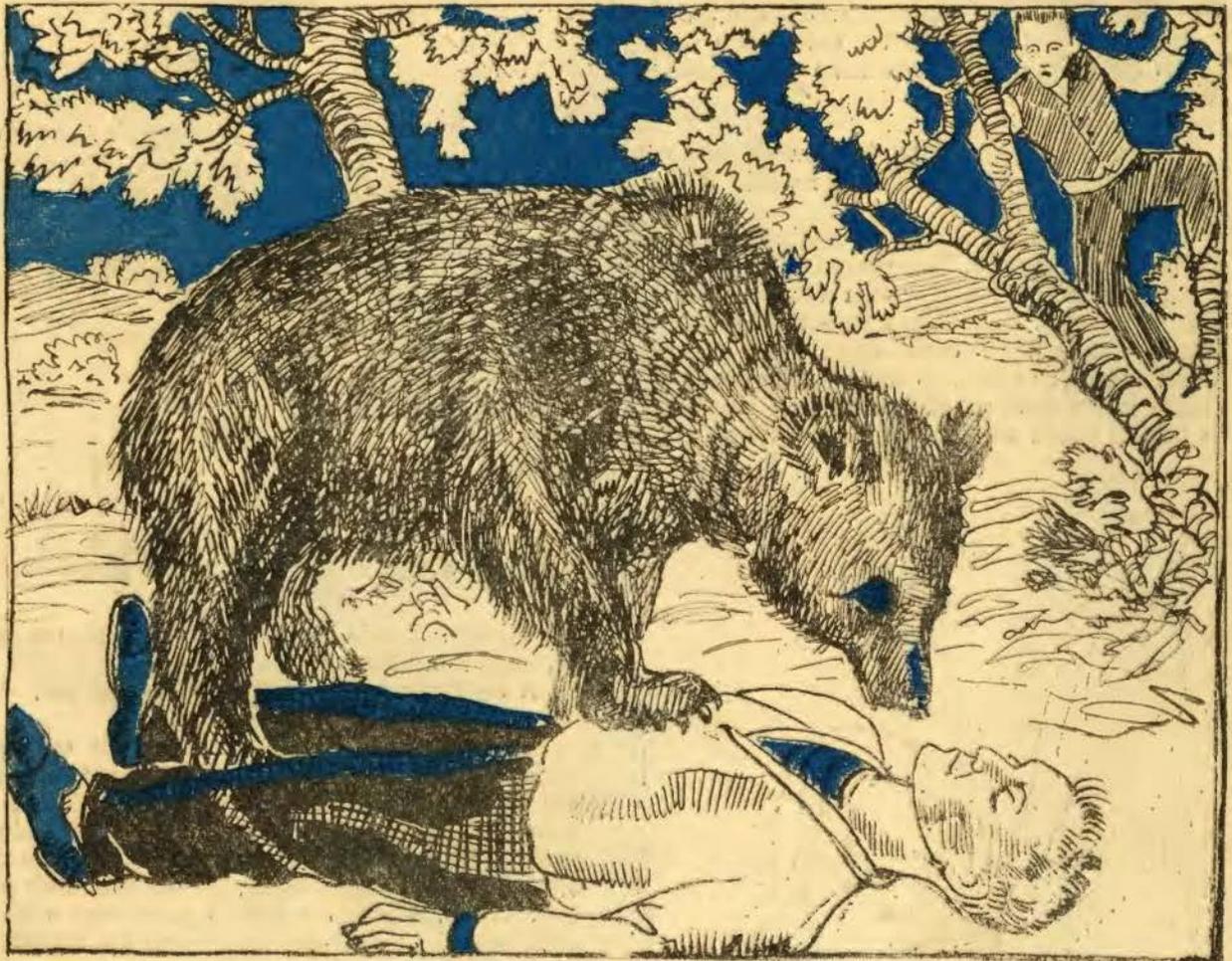


DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

DE SANTA
RITA



OS DOIS AMIGOS

DA TRADIÇÃO POPULAR POR FERNANDO A. DUARTE

DOIS amigos passeavam numa floresta; apareceu um urso e lançou-se sobre eles.

Um subiu a uma árvore e escondeu-se, deixando o outro ficar no caminho. Este, então, resolveu fingir-se morto.

O urso aproximou-se e cheirou o homem; mas como êle retinha a respiração, o animal julgou-o

morto e afastou-se. Quando o urso estava já longe, o outro desceu da árvore e perguntou, a rir, ao seu amigo:

— Que te disse o urso ao ouvido?

— Disse-me que: aquele que abandona o amigo no perigo é um cobarde!...

F I M

A Mulher, o Burro e o Rapaz

Por MORENITA

Desenhos da Autora

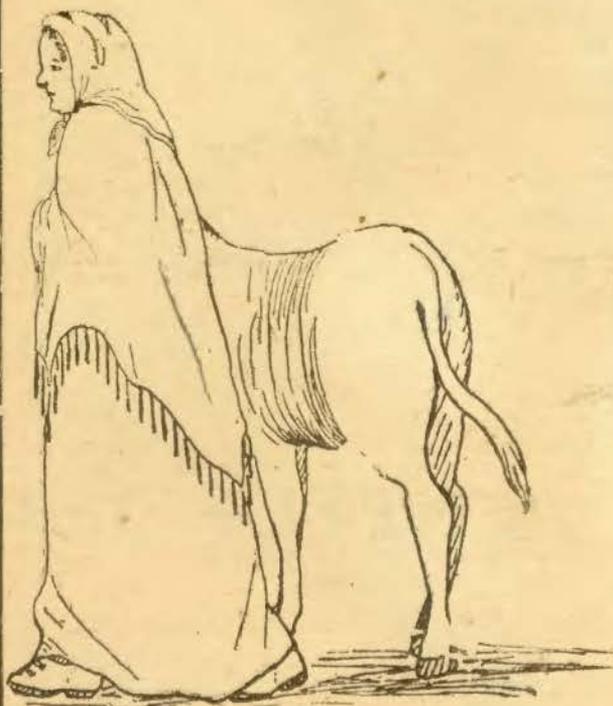
◆ ■ ■ ◆ RA uma vez uma mulher, que
 tinha um burro com que ganhava a sua vida.
 Um dia, quando a mulher, a quem os anos faziam já pesada, voltava da vila, onde fôra levar o produto duma courelita que possuía, o burro, enterrando as patas no chão, levantando o focinho e rangendo os dentes, estacou.

E

Que sucedera?

A pobre mulher, aflita, tentava de qualquer maneira fazer andar o burro. Mas qual? O burro parecia pregado no solo.

A mulher olhava e tornava a olhar, mas nada via de extraordinário. Desesperada, já, com a sua situação, resolveu procurar uma varinha para castigar o teimoso. Deu alguns passos com essa intenção mas qualquer coisa, como que o rebentar duma bomba, se ouviu, ao mesmo tempo que uma chama instantânea se elevou do solo, envolvendo os pés da pobre mulher que recuou apavorada.



Decididamente, este dia estava sendo bem aziago para a pobre mulher.

Ainda não voltara a si do susto, quando uma

voz meiga lhe dizia, ao mesmo tempo que alguém a abraçava:

— Obrigado, tia Vicência, obrigado! Acaba de



me salvar, sofrendo um grande susto mas, em paga, nada lhe faltará de ora àvante.

A tia Vicência só conseguiu articular um:

— Mas...

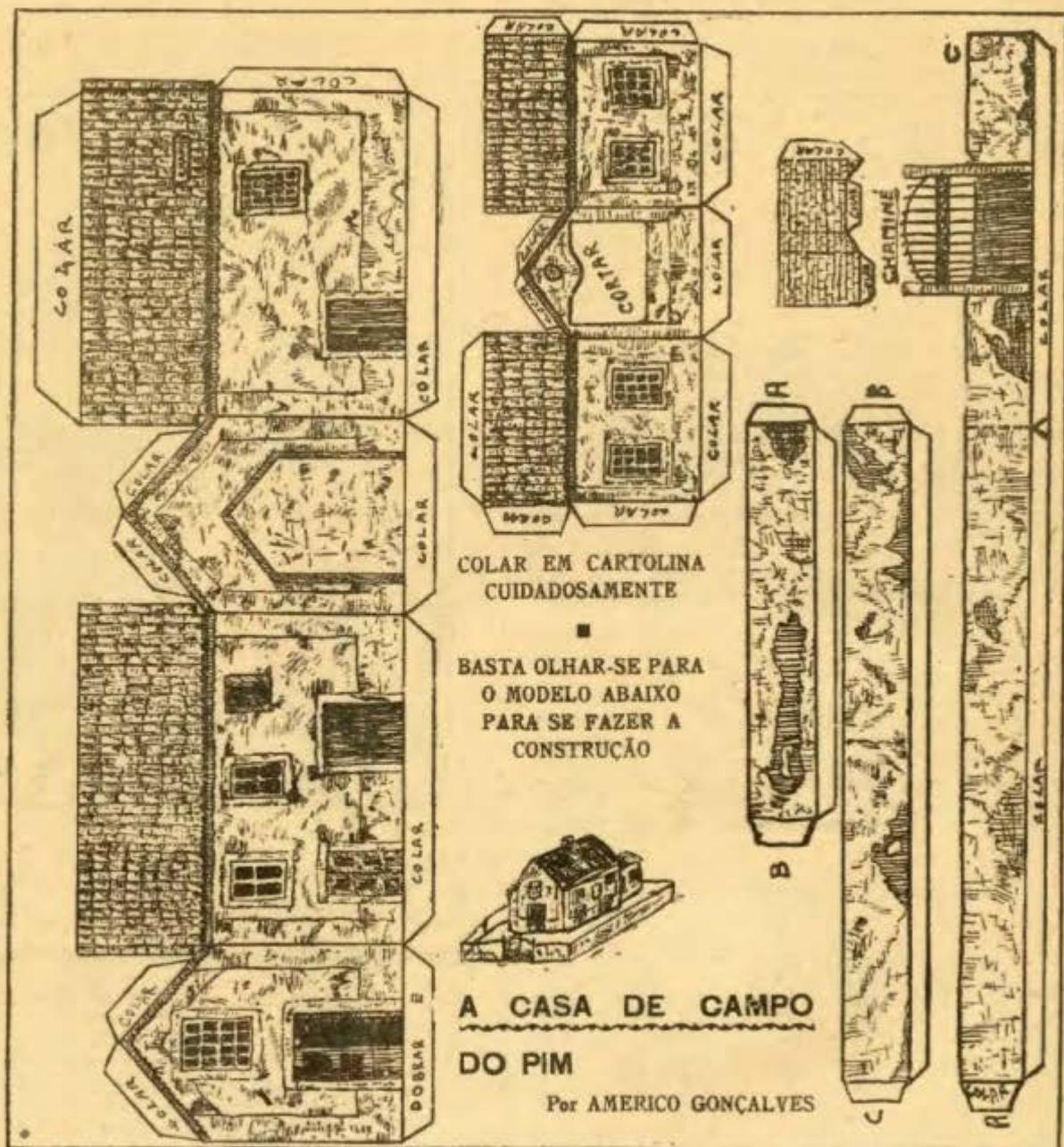
Eu lhe explico, tia Vicência, eu lhe explico: — Meu pai era o rei do *Pays du Froid*; quando ele morreu devia eu suceder-lhe no trôno mas meu tio Ermenerico tinha um filho parecidíssimo comigo, segundo todos afirmavam. Então, meu tio, aproveitando a coincidência, fez-me substituir por meu primo, dizendo a toda a gente que o mandara para fóra viajar; porém, a quem ele mandara, ou, por outra, obrigara a viajar, fôra a mim, sob a tutela dum velho bruxo que me disse:

— Vou transformar-te num burro para me ver livre de ti; mas, antes, assina este papel.

Protestei, chorei, nada me valeu. O velho bruxo, vendo que perdia o tempo, tocou-me com uma varinha, cheio de cólera, e eu, então, senti-me sem forças; fui obrigado a baixar-me e, instintivamente, pus as mãos no chão e... transformei-me em burro. Durante um momento não sei o que se passou mas depois ouvi alguém dizer:

— Eu ouvi tudo; não negue. Tenho-o seguido sempre, porque eu reconheci a falsificação. Abri, então, os dois enormes olhos e vi o meu antigo

Construção para armar



aió em presença do velho bruxo. Quiz falar, gritar, abraçá-lo; impossível! Neste momento, porém, passou-se uma scena terrível. O velho bruxo crescia para o meu antigo aió.

Sentia-me desfalecer, mas este, sustendo-o com a ponta da lança, disse-lhe;

— Ficarás transformado em ouriço e, se alguma vez o meu príncipe conseguir ver-te, morrerás e ele voltará á forma de gente.

Picou-o com a lança e, imediatamente, se transformou num ouriço. Depois éle trouxe-me e vendeu me á tia Vicência. O resto sabe-o tão bem como eu.

Há bocado eu vi o ouriço; reconheci-o, teimei, e a tia Vicência, ao baixar-se, pisou-o, matando-o. Agora, só me resta comunicar aos meus que sou vivo, ir governar, e a tia Vicência não conhecerá mais privações, nem terá que chorar mais, abraçada ao seu burro.

A O romper da manhã puzeram-se em marcha os regimentos...

A infantaria serpenteou ao longo da ribeira, por detrás dos salgueiros e olmeiros, erguendo a poeira das estradas com seu passo pesado... A frente os tambores, homens vigorosos, de tês bronzeadas pelo sol das batalhas, e entre êles, na primeira fila, pálido, estremecendo sob a brisa áspera daquela manhã de outono, um rapazote de catorze anos, de olhar altivo, cheio de orgulho do seu *bonet* vermelho, inclinado para a orelha, rufava com entusiasmo a marcha de guerra.

Era o filho dum soldado, cuja mãe morrera na ultima primavera. Só e perdido na sua aldeia, quiz ir ver o pai e acompanhá-lo no exército do Norte, em que se encontrava. Assim, para conseguir o seu intento, empenhara-se no prometimento de não se tornar incómodo e mostrar inteira corágem.

O regimento adoptara-o, como aprendiz de tambôr, e bem cedo, nos bivaques, já se tornara o assunto obrigado e querido.

Chamavam-o — o *Galo atrevido* — pelo seu *bonet* vermelho, como a crista dum gallo, e pela sua audácia constante.

Ora naquela manhã, sempre marchando e batendo a sua caixa, a criança ia pedindo explicações dos movimentos que executavam, atrapalhando, com tanta pergunta, o tambôr mór, um gigante que fazia melhor girar entre os dedos o seu enorme bastão de castão de ouro, de que a lingua para satisfazer ao rapazote.

De repente, pelo flanco das colunas da infantaria, desenvolveram-se, como um leque, os esquadrões enormes de cavaleiros, cujos penachos pretos flutuavam ao sabôr do vento, e cujas couraças e capacetes brilhavam ao esplendor do sol nascente.

Depois, a galope, ao longo das colinas próximas, desapareceram os caixões sonoros da artilharia, cujas praças, acompanhando-os, foram tomar posições dirigindo as negras guelias para o horisonte.

Eis, ainda, a bandeira que vem projectar-se no céu azul de esperanças e na frente da qual as tropas desfilam, orgulhosas de defenderem um belo simbolo da Pátria.

O pequeno tambôr abre muito os olhos, querendo como, que reter um belo espectáculo, absorver o magnifico panorama em que essa multidão, respeitosa e activa, se inclina perante a bandeira que passa.

Ele bem sentia quanto seu coração se emocionava, como toda a sua alma estava vibrando naquele instante solene!...



O « GALO »

Tradução de
Desenhos de Al



«Tambôres! gritou o tambôr-mór»...
Galo atrevido baixou os olhos, atento ao comando e com as negras baquetas prontas a baterem.

«Tambôres! continência á bandeira!...
—«Plam! Plam! Ram... Plam!... As baquetas batiam com energia formando o conjunto dos toques como um ruído de vagas no mar...»

Ouviram-se vozes de comando. Os batalhões desfilaram com as bandeiras desfaldadas ao vento...

* * *

Caiá a tarde. Todo o dia se combatera encarniçadamente. Os oficiais esperavam ordens que não chegavam, e os homens morriam nas suas posições.

A grossa voz do canhão continuava trovejando sobre as colinas e a metralha passava veloz e destruidora. As espingardas semeavam igualmente a morte por toda a parte... Sób o fogo mergulhante da artilharia, algumas



A TREVIDO))

ANTONIO SÓ
DOLFO CASTANE

companhias procuravam reforçar-se ainda e voltar á luta; outras, o maior numero, jaziam por terra, juncando de mortos e feridos o planalto que tão risonho e fresco se apresentava de manhã.

O nosso rapaz estava sentado sôbre um caixão tombado, junto dum punhado de soldados que cercaram a bandeira do regimento. Seus longos cabelos loiros, colavam-se-lhe ao rosto empastado de suor e enegrecido pela pólvora, e pelo qual rolavam, de quando em quando, algumas lágrimas, que êle se esforçava por ocultar, receoso, de que as julgassem devidas ao medo... Medo?! Ele?!... Nunca!...

Sómente uma bala o ferira no pulso esquerdo, e o pobre rapaz sofria bastante, mas continuava, com a mão direita, tocando a unir.

Tudo isto alegrava os velhos soldados, que ainda restavam em volta da bandeira... Era um exemplo enérgico, o dessa criança que não recuava um passo em frente do inimigo, da morte, que a metralha, varrendo a

campanha, lançava sôbre os cinco restantes defensores do glorioso lábaro...

—«Eh! pequeno!... Salva-te! gritou um oficial ao tambôr, acrescentando em voz mais baixa, como que envergonhado: — Se acaso puderes ainda!...»

Galo atrevido não respondeu; olhou-o, com seu olhar arisco, e continuou a bater furiosamente.

Um estilhaço de metralha quebrou o cachimbo dum granadeiro, um cachimbo muito velho que o seu proprietário trazia preso a um botão da farda.

—«Diabo! — (disse êle) — mau preságio! E pôs-se a rir disparando a arma.

Tornava-se impossível sustentar por mais tempo uma tal posição; os ultimos sobreviventes iam caindo uns após outros...

Protegido pelo seu caixão, Galo atrevido, não recebera nenhuma outra ferida, mas, em torno dêle, era uma chuva de ferro.

Ainda uma descarga de metralha veio incidir naquele ponto.

A bandeira caíu por terra. Gravemente ferido o porta-bandeira, sentindo a aproximação da morte, ergueu-se sôbre os joelhos, arrancou da haste o pavilhão, e, para impedir de cair em mãos de inimigos, procurava ocultá-lo no peito...

Então, o nosso tambôr avançou para êle, dizendo-lhe:

—«Não, meu oficial; dê-ma! Ninguém pensará em vir buscá-la aqui, e apontava o coração... Juro-lhe, contintou, não me deixar apanhar, senão morto!

O oficial hesitava. Depois num gesto de adesão e sentindo-se desfalecer, estendeu á criança o estofa sagrado...

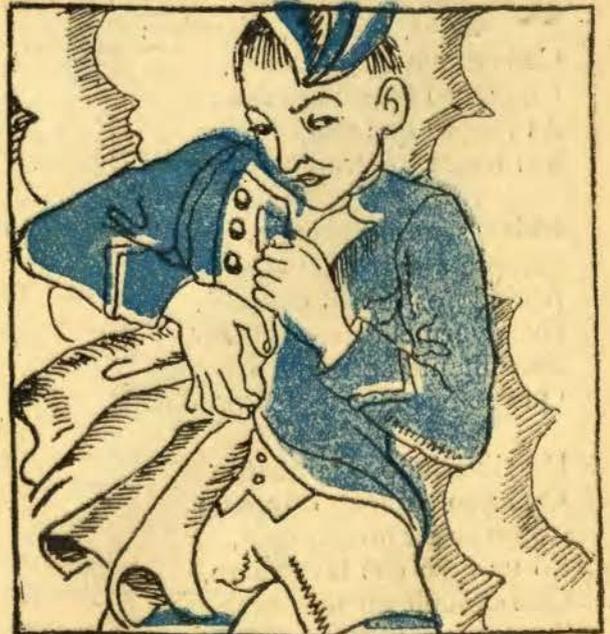
—«Vai, une-te ao exército... Por ali... Salva-a!...»

Era tempo!

As cornetas inimigas tocavam a cessar fogo. Tomavam posse do planalto...

O nôsso pequeno herói, a bandeira guardada no peito, retomou o tambôr com a mão ferida, e, com a direita, começou tocando... á carga!...

Então, facto inolvidavel, o general inimigo, vendo êste pequeno tambôr que, de olhar altivo, avançava para êle, deu ordem de não o inquietarem, e, respeitoso pela valente criança, deixou-a passar, enquanto os soldados inimigos se agrupavam no seu caminho, para ver, para admirar aquele intrépido que, sem fraquejar, sem voltar-sequer, a cabeça, atravessou — tambôr batente — tôdo o planalto, dirigindo-se para o seu exército... Os oficiais inimigos, mais comovidos do que aparentavam, saudavam com a espada o último sobrevivente do brioso regimento, que se retirava altivo e orgulhoso de levar sôbre o coração a sua querida bandeira...





AS LAVADEIRAS

Por JOSÉ RODRIGUES CERCAS JUNIOR

DESENHO DO AUTOR

RAPARIGAS lavadeiras,
Belas, rosadas, trigueiras
Conversam alegremente,
Enquanto fazem nevadas
As roupas que são lavadas
Em fresca e pura corrente,

Ei-las, sem melancolia,
Sempre a sorrir de alegria,
Abrindo os lábios corados,
Dum vermelho encantador,
Semelhante ao duma flôr
Que se encontra pelos prados.

Do ribeirinho o lamento,
Que não é acção do vento
Como se dá no choupal,
Só na mão das lavadeiras,
Que o acolhem tão fagueiras,
Tem um suspiro final.

A scintilante tolhagem
Do choupal, que branda arágem
Faz murmurar sem canseiras,
Parece dizer que Deus
O fizera erguer aos céus
P'ra dar sombra às lavadeiras.

Sempre felizes, contentes,
Cortando o pranto às correntes
São activas, são ligeiras,
Há mostras dum certo brio
No tipo alegre e sádio
Das cachopas lavadeiras.

Ao sol posto, as lavadeiras
Belas, rosadas, trigueiras,
Regressam alegremente,
A's suas brancas moradas,
Com as roupas bem lavadas
Em fresca e pura corrente.

H O R A D E R E C R E I O

A D I V I N H A

CHARADAS por MORENITA

- | | | |
|--------------------------------|---|-----------------|
| 1. ^a | 2. ^a | 3. ^a |
| 1. ^a + go — folgado | 1. ^a + So — estampilha | |
| 2. ^a + ga — ceifa | 2. ^a + pão — vento tempestuoso | |
| 2. ^a | | |
| 1. ^a + vado — rio | 3. ^a + de — vaso para água | |
| 2. ^a + do — rio | | cidade |
| habitação | | |
| 1. ^a | | |

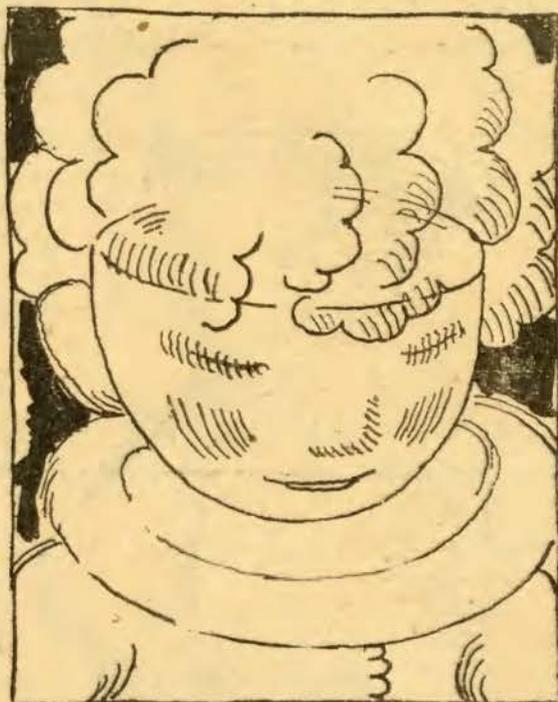
Esta virtude com esta flôr torna-me ditosa — 1,1.

2.^a

Este é o único ninho que parece residência nobre — 1,1.

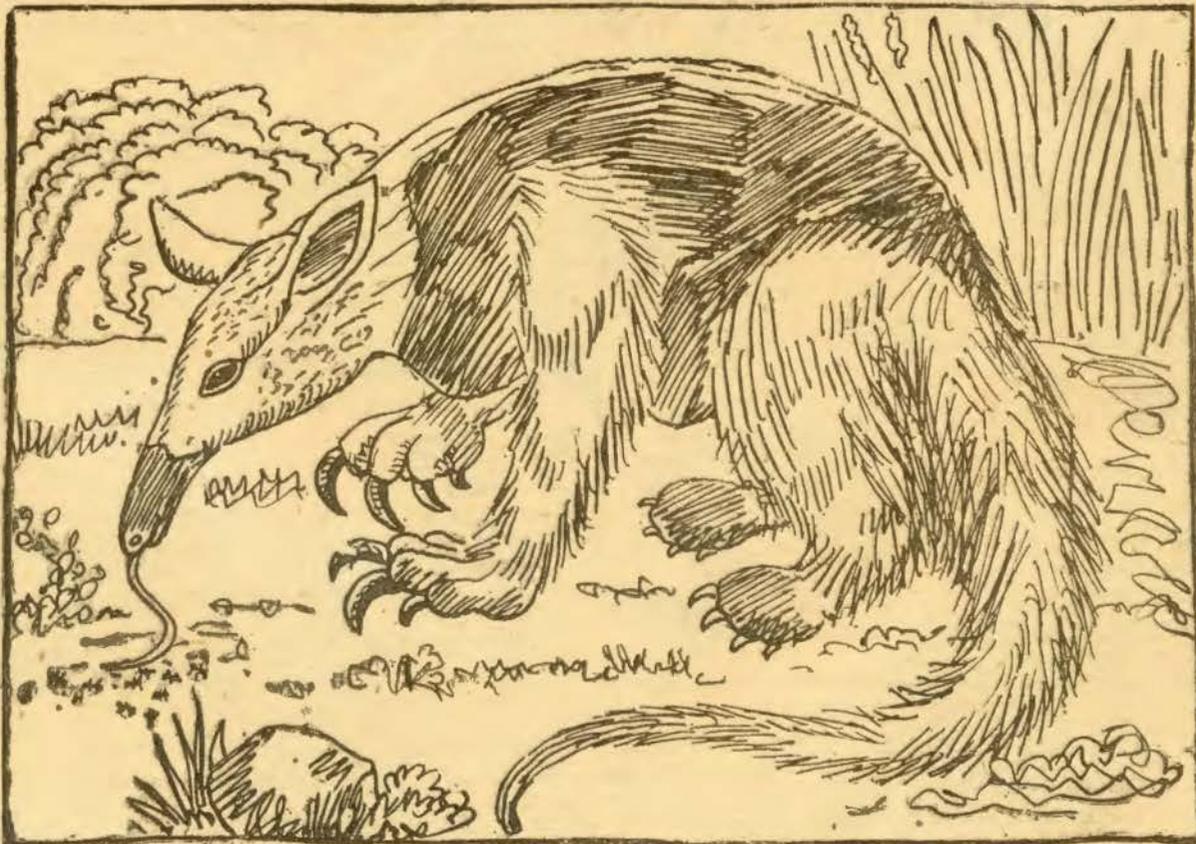
3.^a

Esta nota musical com outra nota musical faz uma linda canção portuguesa — 1,1.



Bêbê quer tomar chá e, distraído, julga que toda lho não trouxeram. Contudo, se a chávena fosse bicho saltava-lhe.

P A R A O S M E N I N O S C O L O R I R E M



O FORMIGUEIRO TAMANDUA (Myrmecophaga Tridactyla)

Zézinho e a Matemática



I — Zézinho, cara simpática, por imposição do Pai, pessoa de pouca tática, contra vontade dedica-se ao estudo da Matemática.

II — Um dia, entre mil pilhérias, diz: — «Se meu Pai pergunta, quando eu regressar a férias, que vem a ser tal ciência, responder-lhe-hei duas lérias».

III — Dito e feito; após um mês, diz o Pai, com voz enfática, depois de um bom jantarinho: — «Para que serve, Zézinho, o estudo da Matemática?!»



IV — Então, Zézinho responde, pegando num belo prato com laranjas: — «Tal ciência serve para provar que onde há três laranjas há quatro».

V — Eu lhe explico: — «Uma, mais duas são três; onde há três há uma; uma e três: — quatro, portanto». P'rá mulher, pegando numa, pasmado, o Pai diz entanto:

VI — «Já percebe. A tua Mãe fica com esta; eu com duas; uma e duas: — três; entanto onde há três há uma; bem, fica-te a outra, portanto.